

**N**UMA NOITE tempestuosa, muito tarde, quando eu voltava para casa vindo do centro da cidade de Jacksonville, Flórida, os faróis de meu carro iluminaram uma figura familiar (embora inesperada naquele local), caminhando penosamente pela estrada interestadual 95 — uma mulata pequenina, de cerca de um metro e meio de altura, tão frágil que as rajadas de vento faziam-na balançar. Freei para lhe dar carona, e perguntei-lhe: «Miss Eartha! Que está fazendo aqui a esta hora?»

«Bem», respondeu ela com sua voz aguda, mas fraca, que parecia vir de

muito longe, «alguém tem que ir se uma certa família que telefonou não quiser ficar com fome até de manhã.» Dizendo isto, atirou para cima do assento um saco cheio de coisas de mercearia quase do seu tamanho. À luz interior do carro, os olhos castanhos e vivos brilhavam zombeteiros no seu rosto de feições inteligentes, delicadamente desenhadas. «Não sabe, Senhor Gibson, que a ajuda que prestamos aos outros é o preço que pagamos pelo espaço que ocupamos neste mundo?»

Transformando essa simples filosofia em boas ações, Eartha Mary Mag-



## Meu tipo inesquecível

HAROLD GIBSON

*Por onde Miss Eartha andava,  
os pobres, famintos, aflitos  
e desamparados de todas  
as idades sentiam sua presença  
compassiva e animadora*

dalene White, filha de um ex-escravo, tornou-se uma lenda e uma instituição no norte da Flórida. Próxima de seu 97.º e último aniversário, e ainda perambulando pelas ruas num velho vestido preto, parecendo uma vela ao vento, ela era uma das figuras mais queridas e famosas de Jacksonville. Entre seus amigos, contavam-se inúmeros prefeitos, governadores e deputados federais, e ela tinha recebido honrarias de pelo menos três presidentes norte-americanos. Quase sozinha, criou oito instituições particulares. Ainda mais espantoso é que ela foi a principal colaboradora e angariadora de fundos para todas essas instituições até o dia de sua morte. Na nossa cidade, como grandes pontes que cruzam o rio St. Johns, Eartha White era também uma espécie de ponte. A milhares de pessoas, inclusive a mim, ela ajudou a transpor o abismo que nos leva do nada a algo importante na vida.

«**Todo o bem que puderem.**» Eu tinha 11 anos quando a vi pela primeira vez. Miss White era dona da única piscina de Jacksonville que os negros podiam utilizar. Nunca me esquecerei daquele maravilhoso dia de maio de 1938, quando mamãe me deixou ir lá pela primeira vez. Como foi delicioso mergulhar naquela piscina primaveril, verde e gelada. Quando finalmente emergi, refrescado e com uma sensação de dormência, lá estava aquela senhora bonita e sorridente (tinha então 62 anos) dizendo: «E agora, meu caro senhor, que deseja — uma maçã, uma laranja ou uma barra de chocolate?» Miss Eartha sa-

bia, é claro, que nós, as crianças negras, não podíamos utilizar os bebedouros públicos e os restaurantes da cidade; por isso, queria mostrar-nos que, em sua casa, éramos os hóspedes de honra.

«Agora ouçam», dizia com sua estridente voz de falsete, «pois eu vou ensinar a vocês uma maneira de enfrentar os problemas que surgirem, e de serem mais felizes e mais importantes. O segredo é o seguinte: façam todo o bem que puderem... de todos os modos... em todos os lugares... para todas as pessoas e... enquanto puderem!»

Contou-nos que essa fórmula mágica tinha dado bons resultados com sua mãe, Clara White, sendo a única maneira de agüentar 20 anos (toda a sua juventude) como escrava, e de aliviar o desgosto de perder seus primeiros 12 filhos por doenças e antiquados tratamentos médicos. Com o passar do tempo, Clara prosperou o suficiente, como cozinheira de hotéis e navios, a ponto de mandar sua filha para a universidade e abrir uma pensão. Se alguém que começou tão de baixo como Clara conseguiu vencer com a idéia certa e a ação exata, nós certamente poderíamos fazê-lo também!

**Obra humanitária.** Quando ainda estava em seus 20 anos, depois de estudar no Conservatório Nacional de Música de Nova York e de viajar pelos Estados Unidos e pela Europa, integrando uma companhia de ópera composta apenas por negros, Miss Eartha abandonou a carreira musical. Voltou para Jacksonville e se juntou

a sua mãe na tentativa de facilitar a vida dos negros da cidade.

Foi professora durante 16 anos; depois, arriscou suas economias (150 dólares) para abrir um pequeno mercadinho para a clientela negra. O negócio prosperou; também floresceram uma lavanderia, uma agência de empregos e um negócio de venda de terrenos e de seguros. Conseguiu fazer uma fortuna de mais de um milhão de dólares, empregando a maior parte em projetos que se transformaram numa ampla obra de assistência social, gerida e dinamizada por ela própria.

Nas baiúcas e bares do centro da cidade, na rua West Ashley, Miss Eartha dirigia a Missão Clara White (assim chamada em homenagem a sua mãe), onde os vagabundos e os deserdados da sorte podiam sempre encontrar uma cama, um prato de sopa e ajuda para arranjar emprego. Adolescentes em dificuldades, que de outro modo passariam a noite na cadeia, eram mandados para lá pela polícia. A maioria dos beneficiários da missão era composta por negros, mas ela também ajudava muitos brancos.

Num bosque dos arredores da cidade, Miss Eartha mantinha um asilo para velhotes indigentes, e o Hospital da Misericórdia para os desamparados. Ambos eram edifícios improvisados, cheirando a velhice, pobreza e comida rançosa, onde pouca gente trabalhava, mas eram os únicos refúgios para mais de 100 homens e mulheres desesperançados. Numa casa do mesmo conjunto, Miss Eartha abrigava mães solteiras; noutra, tomava

conta dos alcoólatras até que se recuperassem; em outros lugares de Jacksonville, doou edifícios para dois infantários; perto da missão transformou um cinema vazio em centro de recreação e ginásio para as crianças das favelas.

**A rainha cigana.** Passava grande parte do dia no pequeno caminhão vermelho da missão, que ela e o motorista tinham enchido de toneladas de coisas oferecidas por comerciantes e fazendeiros: legumes, frutas excessivamente maduras e, no Natal, brinquedos e sacos de balas. Eartha tinha a mesma comida e vestia as mesmas roupas de segunda-mão que conseguia arranjar para seus protegidos, e dormia onde estivesse quando seu dia acabava.

Se alguém pedia ajuda depois que o motorista tinha ido embora, ela simplesmente ia a pé resolver a emergência. Sabia que a polícia ou alguém que passasse lhe dariam carona e a levariam onde quisesse ir. Preferia as roupas de segunda-mão que tinham sido finas e elegantes. Trajando vestidos que outrora seriam valiosos, ela parecia uma rainha cigana fugida de um baile de máscaras; só destoavam os sapatos de tênis, que sempre usava para andar mais confortavelmente e depressa.

Os olhos castanho-claros e joviais brilhavam no seu rosto enrugado, dando-lhe uma expressão extremamente simpática. «Sabe, Senhor Gibson», costumava me dizer (ou, em outras circunstâncias, «Senhor Prefeito» ou «Senhor Deputado»), «o senhor é uma boa pessoa. Deus o escolheu

para ajudar nossa gente. Sendo assim...» (sua mão pequenina pousava de leve na nossa) «...sendo assim, tenho certeza de que o senhor vai dar tudo que puder para me ajudar nesta causa tão justa.»

Um político ricoço certo dia se queixou, de brincadeira, é claro: «Às vezes detesto vê-la chegando. Sei que vai tentar me levar muito mais dinheiro do aquele que eu quero lhe dar — e sei que vai conseguir!»

**Façam alguma coisa.** Quando eu tinha 16 anos, olhei bem para aquela velha e estranha figura (da qual muitos colegas meus faziam pouco), sempre pedindo esmolas para tentar fazer de tantas pessoas desamparadas cidadãos dignos. O certo é que ela era uma campeã, enquanto muitos dos que a criticavam não conseguiam ser melhores do que ela. Portanto, continuei a prestar-lhe atenção quando dizia que o verdadeiro amor não liga importância à cor da pele e que ambas as raças deveriam trabalhar juntas. Eu a ouvia quando chamava a atenção dos jovens excessivamente religiosos: «Não percam tanto tempo rezando por bênçãos que já conseguiram! Quando vocês se levantam de manhã, já foram três vezes abençoados: são jovens, saudáveis e têm a cabeça funcionando bem. Portanto, não fiquem ajoelhados; levantem-se e vão em frente! *Façam alguma coisa* com este dia! *Façam com que ele se tome importante* de alguma maneira!»

Alistei-me no exército, fui para a Coreia e cheguei a capitão. Com um subsídio governamental para educação de veteranos, estudei em três uni-

versidades e tornei-me conselheiro de jovens delinqüentes em Nova York. Casei-me e voltei para Jacksonville em 1962, mas, ao chegar, todas as portas estavam fechadas para mim; o único emprego que consegui foi o de abrir valas para a prefeitura.

Amargamente, fui me queixar a Miss Eartha. Ela concordou comigo: «Sim, você está atravessando uma fase difícil, mas talvez esteja sendo testado, preparado para uma tarefa especial para a qual ainda não está pronto. E como vai saber, se não continuar tentando?»

Estas palavras me pareceram de um otimismo idiota, e ainda fiquei mais zangado. No entanto, ficaram gravadas na minha mente, e continuei trabalhando com entusiasmo. Do emprego de abrir valas, passei para o de chofer de caminhão e, depois, fui promovido a fiscal.

Enquanto isso, Eartha White estava pondo à prova como nunca suas próprias capacidades. Embora já com 87 anos, entrou no gabinete do seu advogado e declarou que queria contrair um empréstimo de 300 mil dólares para construir um magnífico hospital com 122 leitos, que substituísse o antiquado Hospital da Misericórdia para pessoas idosas. Segundo ela, o governo participaria com quantia igual, e ela doaria o último patrimônio imobiliário que ainda possuía — um quarteirão na cidade.

O advogado acompanhou-a ao Atlantic National Bank, e Miss Eartha saiu de lá com o empréstimo de 300 mil dólares. Aos 88 anos, realizou seu sonho de construir um hospital.

**O toque certo.** Quando eu soube que o novo hospital ia precisar de um diretor, pedi-lhe o lugar. «Acho que agora estou preparado», declarei-lhe.

Miss Eartha me abraçou, dizendo: «Sim, acho que já está.»

Eu pensava que, como diretor do hospital, teria de ficar sentado numa cadeira giratória, tratando de assuntos administrativos, mas, mal tinha acabado de me instalar à escrivaninha quando minha nova patroa, querendo dar uma volta pelas enfermarias, me ordenou: «Venha daí! Se tratarmos das *pessoas*, o hospital se administrará sozinho.»

Foi então que aprendi o segredo do seu poder e da sua mágica energia. Miss Eartha gostava de tocar com as próprias mãos nas pessoas. Todos os dias, quando fazia a ronda, tocava em todos os pacientes que podia. Muitos tinham sido esquecidos pelas famílias, outros já quase nem se lembravam dos próprios nomes; no entanto, Miss Eartha os «conquistava», quando segurava suas mãos ou lhes acariciava os ombros. Algo me aconteceu também. Senti-me mais necessário, mais valioso.

O tempo passava, mas Miss Eartha continuava eternamente jovem de coração. Seus anos mais compensadores foram os que se seguiram ao 90.<sup>o</sup> aniversário. Em 1970, com 94 anos, tomou um avião para Nova York, onde, no Hotel Plaza, recebeu o Prêmio Lane Bryant Para Voluntários, por excepcionais serviços à

humanidade. No ano seguinte, foi nomeada para o Centro Nacional de Ação Voluntária, e homenageada com uma recepção na Casa Branca. Nesse mesmo ano, voou sozinha para Anaheim, Califórnia, a fim de receber a maior honraria que a Associação Americana de Enfermeiros concede (o Prêmio Para Uma Vida Melhor), em reconhecimento pela «alta qualidade do tratamento» ministrado no seu novo hospital.

Miss Eartha nunca desistiu. Desligava o aparelho de surdez para não ouvir as sugestões de que já era tempo para que, aos 97 anos, abandonasse a direção do conselho hospitalar e vários outros cargos administrativos. Mesmo quando uma queda a deixou aleijada, ela continuou suas rondas em cadeira-de-rodas. Então, numa manhã de domingo, em janeiro de 1974, sozinha em seu quarto na missão, caiu de novo e quebrou um quadril. Morreu quatro dias depois.

Após o funeral, quando eu voltava para meu gabinete, comecei a sentir que Miss Eartha não me tinha abandonado, que ainda era parte de mim. Hoje, graças aos seus conselhos, estou encarregado de recrutar e treinar cerca de 10 mil operários para o departamento de produção de uma empresa de energia nuclear. Todas as manhãs, quando enfrento esse desafio, parece-me sentir que Miss Eartha está por trás do meu ombro e dizendo: «Coragem, Senhor Gibson! Esta é a grande chance. Vamos em frente!»



O QUE importa não é acrescentar anos à sua vida, mas vida aos seus anos.

— Alexis Carrel